

Introdução

Um dos fenômenos mais significativos do nosso tempo vem sendo, conforme foi já assinalado pelos estudiosos, a centralização econômica das empresas, a concentração que, pondo fim à concorrência, gerou os gigantescos monopólios, hoje ditos multinacionais. Ao superarem as limitações nacionais, tais monopólios assinalaram a transformação correspondente: a unificação econômica da área capitalista do mundo. Esse processo de unificação econômica, com a passagem do capitalismo à etapa imperialista, está acabando: o capitalismo é, hoje, sistema econômico mundial, associando as nações pela divisão internacional do trabalho e pela interdependência estreita, que se manifesta a cada passo. Alcança mesmo os países em que subsistem ou em que predominam relações pré-capitalistas de produção. Eles foram também integrados, pela força dos monopólios, tornados estes motores do processo, dominando a economia dos países coloniais ou dependentes e utilizando, para isso, o aparelho de Estado, de um lado, e organismos supranacionais, de outro lado.

A concentração das grandes empresas e a unificação econômica do mundo permitem, agora, a utilização do Estado em favor do capital monopolista, pondo à disposição deste recursos como as inversões públicas, as compras e encomendas, o crédito, a redistribuição da renda nacional através do orçamento, as variadas formas de subsistir, as vantagens fiscais e o poderio dos bancos que monopolizam o crédito. *Tudo isso, agora, em escala multinacional.* A fusão do Estado com os monopólios, além da identificação do capital bancário com o capital industrial, acarreta a identificação da oligarquia financeira com o aparelho de Estado. O financiamento das inversões à custa do orçamento e o controle da soma das poupanças permitem aos monopólios concentrar meios econômicos gigantescos, que gerem como seus.